v. 34, n. 2, p. 7–25, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.7–25
Submetido em: 07/05/2025 · Aprovado em: 16/04/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Alternância pronominal entre "nós" e "a gente": avaliações linguísticas de universitários alagoanos

Pronominal Alternation Between "nós" and "a gente": Linguistic Evaluations of University Students from Alagoas

Mariana Barbosa da Silva
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) | Campinas | SP | BR
m300563@dac.unicamp.br
https://orcid.org/0009-0000-1996-4027

Almir Almeida de Oliveira
Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) | Palmeira dos Índios | AL | BR
almir.oliveira@uneal.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-3682-5480

Resumo: Esta pesquisa tem como objeto de estudo a avaliação linguística da alternância pronominal entre "nós" e "a gente" por estudantes universitários do Agreste alagoano. Estudos de produção linguística indicam que, em Alagoas, a forma inovadora "a gente" é preferida para ocupar a posição de pronome de primeira pessoa do plural (Oliveira; Nascimento, 2017; Vitório, 2016), apesar da pressão prescritiva — sobretudo do ambiente escolar e dos gêneros textuais mais formais — em favor da forma conservadora "nós". Portanto, o objetivo desta pesquisa é investigar os significados sociais associados às variantes "nós" e "a gente", uma vez que o comportamento linguístico pode não ser equivalente à avaliação dos falantes (Freitag, 2016). Para tanto, o estudo se dá por meio de teste elaborado a partir do método *matched-guise* e está ancorado na Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). Para coleta de dados, foi aplicado um questionário, por meio de formulário eletrônico, a 200 estudantes do *Campus* III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Os resultados demonstram que mesmo com uma avaliação mais positiva recaindo sobre a forma "nós", a forma "a gente" apresenta indícios ascendentes de normatização na comunidade estudada. A relação entre esses pronomes não pode ser reduzida a uma oposição dicotômica entre prestígio e estigma, mas compreendida dentro de um sistema de valores normativos, no

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

qual ambas as formas são socialmente avaliadas de maneira predominantemente positiva, mas possuem significados sociais distintos e independentes, indiciando uma relação de gradação entre normas.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; avaliação linguística; alternância pronominal.

Abstract: This research has as object of study the linguistic evaluation of the pronominal alternation between "nós" and "a gente" ("we") among university students from the Agreste region of Alagoas, Brazil. Linguistic production studies indicate that, in Alagoas, the innovative form "a gente" is preferred to occupy the first-person plural pronoun position (Oliveira; Nascimento, 2017; Vitório, 2016), despite prescriptive pressure — particularly from the school environment and more formal textual genres — in favor of the conservative form "nós". Therefore, the objective of this research is to investigate the social meanings associated with the variants "nós" and "a gente", since linguistic behavior may not align with speakers' evaluations (Freitag, 2016). To this end, the study employs a test developed using the matched-guise method and is based on Variationist Sociolinguistics (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). To collect data, a questionnaire was administered via electronic form to 200 students from Campus III of the Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). The results indicate that even though the form "nós" received a more positive evaluation, the form "a gente" showed signs of increasing standardization in the studied community. The correlation between these pronouns cannot be reduced to a binary opposition between prestige and stigma, but understood within a system of normative values, in which both forms are socially evaluated in a predominantly positive manner but have distinct and independent social meanings, indexing a relationship of gradation between norms.

Keywords: variationist sociolinguistics; linguistic evaluation; pronominal alternation.

1 Considerações iniciais

Diversos estudos de produção sociolinguística demonstram que o processo linguístico da alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de primeira pessoa do plural, está presente em todas as regiões do Brasil (Lopes, 1998; Lopes, 2003; Mattos, 2017; Menuzzi, 2000; Omena, 1996; Rodrigues; Migueli, 2019; Zilles, 2005) como variação não estigmatizada e com indícios de produção ascendente de "a gente".

Alguns estudos têm mostrado que o pronome "a gente" é a forma mais produzida em Alagoas para a representação da primeira pessoa do plural, dentre eles, destacam-se: Vitório (2016), que examina a alternância pronominal na fala culta de Maceió; Oliveira e Nascimento (2017), que analisam a correlação entre o aumento da escolarização e a escolha pronominal em Palmeira dos Índios; e Souza e Vitório (2021), que exploram a ocorrência do fenômeno na comunidade quilombola Serra das Viúvas, em Água Branca, com falantes não escolarizados.

Apesar dessas contribuições, estudos que busquem os significados sociais correlacionados a essa variação no estado, com testes de percepção e avaliação, ainda se revelam incipientes, com poucas pesquisas dedicadas a uma análise mais abrangente do fenômeno (Feitosa; Vitório, 2018; Vitório, 2017).

À vista disso, esta pesquisa tem por objeto de estudo a avaliação linguística da alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de primeira pessoa do plural, por estudantes universitários do Agreste alagoano e objetiva investigar os significados sociais de cada uma das formas linguísticas. Para tanto, fez-se uso do método *matched-guise* (Lambert *et al*., 1960) com a aplicação de um questionário, através de formulário eletrônico, a 200 estudantes da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *Campus* III, para examinar a avaliação dos informantes acerca do fenômeno em análise.

Este estudo fundamenta-se na abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, com base em contribuições de terceira onda da Sociolinguística (Eckert, 2012) e busca aferir as avaliações dos estudantes universitários acerca dos significados sociais atribuídos a cada uma das variantes "nós" e "a gente".

Os resultados obtidos evidenciam que ambas as variantes linguísticas, "nós" e "a gente", são bem aceitas na comunidade estudada, mas "a gente" carrega consigo uma avaliação menos positiva que "nós". Apesar disso, a forma inovadora "a gente" parece não carregar valor social negativo, o que sugere a coexistência de significados sociais positivos em uma possível gradação de norma entre variantes.

Além destas considerações iniciais, o artigo apresenta cinco seções, sendo a primeira, Avaliação linguística: marcos ideológicos e identitários, em que consta o aparato teórico utilizado na pesquisa; a segunda, A alternância pronominal entre "nós" e "a gente", que consiste na descrição gramatical e revisão de trabalhos referentes ao fenômeno em foco; a terceira, Metodologia, na qual são apresentadas as particularidades da coleta e tratamento de dados; a quarta, Análise dos resultados, que traz a exposição dos dados da pesquisa e sua interpretação; por fim, a quinta seção apresenta as Considerações finais do estudo.

2 Avaliação linguística: marcos ideológicos e identitários

A Sociolinguística Variacionista pode ser dividida em três ondas de análise, que não precedem, sucedem ou substituem uma à outra, mas dizem respeito a maneiras como cada uma dessas abordagens teórico-metodológicas trata o fenômeno da variação linguística, com objetivos de investigação distintos.

A terceira onda, em específico, vai além de estudos de produção linguística, comportando, assim, estudos de percepção, avaliação, crenças, atitudes e julgamentos linguísticos, voltados para análise de identidade, estilo e *persona* (Eckert, 2012). Essa abordagem investiga o significado social da variação linguística no âmbito das comunidades de prática, por meio das quais os falantes se posicionam no mundo social perante papéis e atividades que realizam.

Nessa abordagem teórico-metodológica, os termos "avaliação" e "percepção", por vezes, são tidos como equivalentes de maneira equivocada. De acordo com Tesch, Mendes e Machado (2022, p. 8), a percepção refere-se a "associações entre formas linguísticas e significados sociais a partir de estímulos sonoros, acompanhados ou não de imagens ou texto escrito". Já a avaliação, trata de comentários metalinguísticos elaborados a partir de perguntas diretas sobre variáveis linguísticas, que indiciam significados sociais sobre a variação.

No viés da avaliação sociolinguística, a relação entre consciência, identidade e língua é complexa e sensível de ser estudada, pois um falante pode pertencer a diversas categorias identitárias e não de forma fixa. Isso implica assumir que os falantes não falam do modo como falam como reflexo inevitável de categorias a que "pertencem", mas que tais categorias identitárias são elaboradas, de forma mais ou menos consciente, pelos falantes durante suas interações sociais (Oushiro, 2019, p. 307).

Essas identidades, então, são co-construídas no próprio ato da interação com os outros falantes. Eckert (2000, p. 4)[1] afirma que a variação "tem a ver com lugares concretos, pessoas, estilos e problemas. Ao mesmo tempo, essas coisas locais concretas são o que constitui amplas categorias culturais como gênero, classe, etnia, região"[2]. Sob esse olhar, é necessário considerar a pluralidade que forma uma identidade, sem restringir o falante a uma categoria única (ser mulher, ser escolarizado, ser alagoano, etc.).

A atribuição valorativa que esse falante faz das formas linguísticas não é realizada de forma binária, como demonstrou Campbell-Kibler (2011), ao investigar a associação feita por indivíduos das regiões Oeste e Sul dos Estados Unidos à redução do segmento -ing. A autora notou que a variação linguística, além de ser um sistema formal e social, é também um sistema cognitivo, uma vez que duas variantes ou mais podem compartilhar significados referenciais idênticos e, mesmo assim, transmitir significados sociais diferentes.

Nesse sentido, as variáveis linguísticas passam a não ser mais encaradas como dispositivos heurísticos diretamente correlacionados com estratificações sociais, mas como uma realidade social e cognitiva afetada pelos valores ideológicos socialmente postos. Dessa forma, não se pode afirmar categoricamente que uma variante seja inerentemente positiva e outra negativa dentro de um mesmo processo de variação. Em vez disso, as variantes podem

[1] Todas as traduções são de total responsabilidade dos autores.

[2] No original: [Variation] "*has to do with concrete places, people, styles, and issues. At the same time, these concrete local things are what constitute broad cultural categories such as gender, class, ethnicity, region*".

coexistir de maneira relativamente autônoma, sendo interpretadas e ressignificadas com base em construções sociais que transcendem os sentidos meramente denotativos.

A fim de investigar essa dinâmica de coexistência, Eckert (2008) propõe um modelo que concebe os significados sociais da variação como elementos interligados em um campo indicial. Esse modelo enfatiza a natureza fluida e relacional das variantes, cujos significados não são fixos, mas dependem das ativações contextuais e das conexões ideológicas estabelecidas no uso linguístico. Isso sinaliza que os significados sociais não são estanques, mas potenciais, em virtude da ininterrupta interação social e possuem uma associação ideológica dinâmica.

Por essa razão, segundo Tesch, Mendes e Machado (2022, p. 9-10), é necessário considerar que uma variante pode indiciar diversos significados sociais "a depender de quem fala, de quem ouve, do lugar em que ocorre a interação, dos assuntos que são tratados, de posições que se tomam no aqui e agora" e de concepções entre os envolvidos como empatia, antipatia, indiferença.

Esse movimento está relacionado ao processo de constituição da identidade por meio da interação e a relação entre significados sociais, os quais são historicamente concebidos e ideologicamente indiciados, e irão pressupor interlocutores que estão em constante movimento. Esse processo interage com a reafirmação de identidade pela língua, aceitação e pertencimento. Por essa razão, Freitag *et al*. (2015, p. 70) defendem que o "problema da avaliação [...] se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado identitário regional e como isto configura as estratificações regionais".

Freitag (2016), ao mensurar a avaliação social na variação entre "nós" e "a gente" na expressão da primeira pessoa do plural na fala de estudantes do Ensino Médio da rede pública estadual de Sergipe, notou um largo favorecimento da variante inovadora (83%), mas que essa produção não era coincidente com as avaliações subjetivas, ao passo que alguns falantes com produção categórica da forma "a gente" (100 % na amostra), ao responderem perguntas diretas, acreditavam produzir mais a forma "nós".

A significação social da variante "a gente", em Freitag (2016), indiciava uma associação predominante em contextos de informalidade ou de grande intimidade. Muitos participantes classificaram seu uso como um "vício de linguagem", uma forma "errada", "feia" ou "estranha". Esses resultados sugerem que, apesar da alta frequência de uso de "a gente" na fala espontânea, há uma significação social normativa subjacente que ainda favorece a variante conservadora "nós", reforçando a discrepância entre os dados de produção e de avaliação na variação pronominal.

Esta pesquisa tem o intuito de identificar os fatores que se correlacionam com as avaliações linguísticas, além de aferir a significação social atribuída a "nós" e "a gente", pelo público universitário do Agreste de Alagoas. Campbell-Kibler (2011) afirma que enquanto no espaço universitário há o favorecimento de um certo modelo de norma culta, em outros ambientes, o movimento pode não ser o mesmo e a norma requerida pode ser outra, o que acarreta em uma variação de normas a depender do ambiente social. Nesse sentido, é plausível pressupor que as avaliações realizadas pelos universitários sejam motivadas tanto pelo grupo ao qual pertencem (universitário) quanto pelo espaço em que eles se encontram (Universidade).

3 A alternância pronominal entre "nós" e "a gente"

O processo de alternância pronominal entre "nós" e "a gente", na posição de pronome de primeira pessoa do plural, conta com estudos de produção realizados em todas as regiões brasileiras, como Norte (Rodrigues; Migueli, 2019), Centro-oeste (Mattos, 2017), Sudeste (Lopes, 2003;

Omena, 1996), Sul (Tamanine, 2010) e Nordeste (Freitag, 2016), que apresentam índices de produção da forma "a gente" entre 55-80% em comparação à forma "nós", em diversos contextos.

Historicamente, o processo de gramaticalização da forma "a gente" iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII, a partir do substantivo "gente" (Omena, 1996). Os trabalhos de Lopes (2003) e Lucchesi (2009) versam sobre como as formas de primeira pessoa do plural, "a gente" e "nós", são tradicionalmente entendidas como "plural de eu" e podem apresentar possibilidades de interpretação mais específica: eu+tu/você, eu+não eu, eu+ele/ela, eu+vós/vocês, eu+eles, até um grau máximo de indeterminação e generalidade como eu+todo mundo ou eu+qualquer um.

Quanto ao grau de determinação dos dois pronomes em estudo, Lopes (1998) sinaliza que "nós" é favorecido por referências mais determinadas, enquanto "a gente" é produtivo em contextos de maior indeterminação, pois dispensa a referência à primeira pessoa. Lopes (2003), a partir da análise de amostras orais de universitários de cinco capitais brasileiras coletadas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), durante as décadas de 1970 e 1990, esclarece esse fenômeno apresentando três diferentes tipos de referente: específico, genérico e impessoal.

O referente específico é explicitado ou determinado pelo falante ou ao fazer alusão a uma situação vivida com outras pessoas que não foram especificadas no discurso, mas há indícios no contexto que especificam a referência, como em "nós vamos lá em Niterói comprar peixe" (NURC-RJ, AC. 14, H2[3] *apud* Lopes, 2003, p. 129). Já o referente genérico, permite ao falante construir uma referência ampliada e menos delimitada, frequentemente associada ao uso de "a gente", o que favorece leituras inclusivas e não marcadas de grupo, como em "você vê a gente na Faculdade de Letras" (NURC-RJ, inq. 11, M2[4] *apud* Lopes, 2003, p. 130). A leitura impessoal atinge o maior grau de indeterminação e a forma "a gente" pode ser facilmente substituída por construções com o clítico "-se-", como em "como a gente vê no Uruguai" (NURC-RJ, AR. 133[5], M2 *apud* Lopes, 2003, p. 130), o que evidencia seu papel pragmático na construção de enunciados menos comprometidos com a identificação explícita dos participantes do discurso.

Em estudo sobre padrões de concordância verbal (CV) da forma "a gente", Marcotulio, Vianna e Lopes (2013) assumem que apesar de a variante ter passado por um processo de gramaticalização e adquirido propriedades de pronome pessoal, ainda carrega consigo traços morfossintáticos do nome "gente", e por esse motivo, apresenta traços gramaticais (3ª pessoa singular – 3PS) e semântico-discursivos (1ª pessoa do plural – 1PP), podendo manifestar quatro padrões de concordância na variação com "nós":

(1) nós (1PP) fala-mos (1PP) → nós -mos
(2) nós (1PP) fala-0 (3PS) → nós -0
(3) a gente (1PP) fala-0 (3PS) → a gente -0
(4) a gente (1PP) fala-mos (1PP) → a gente -mos

Na pesquisa realizada por Menuzzi (2000), com falantes do Rio Grande do Sul, mostrou-se que "a gente" requer concordância de 3PS no verbo, como em "A gente vai à festa". Já o estudo de Moura (1999) sobre CV em Alagoas, na perspectiva da variação linguística, apontou que esta pode ser uma regra variável (Naro; Scherre, 1993; Scherre, 1994) e pode concordar com os traços semântico-discursivos ou gramaticais, como em "A gente vai à festa / A gente

[3] AC. – Amostra complementar (ou nova amostra – década de 90), H2 – Homem da segunda faixa etária (de 36 a 55 anos).

[4] inq. – inquérito, M2 – Mulher da segunda faixa etária (de 36 a 55 anos).

[5] AR. – Amostra recontato.

vamos à festa". Dessa forma, é possível que "a gente" concorde com o verbo na 1PP e selecione uma forma anafórica de 3PS (Costa *et al.*, 2000), o que reforça seu caráter híbrido e sua flexibilidade em diferentes contextos de uso, especialmente na fala espontânea.

Vale mencionar que o estudo do processo de variação dos pronomes e CV não é recente, pois Marroquim (2008, p. 143), ao analisar os falares de Alagoas e Pernambuco, na década de 1930, observou que "Nós e vós oblíquos não são empregados pelo povo. Nós é substituído por a gente; vós por vocês". O autor notou que o português falado nesses estados passava por um processo de transformação nos paradigmas flexionais, tanto na flexão nominal, com ausência da marca de plural em substantivos e adjetivos, quanto na flexão verbal, em que a segunda e a terceira pessoa tinham apenas uma forma, assim apresentando uniformidade.

Por se tratar de um fenômeno morfossintático, o encaixamento na estrutura linguística precisa ser levado em conta, pois apesar do esforço das fontes institucionais em desconsiderar a forma inovadora "a gente", o processo de gramaticalização e de ascendência de uso em detrimento da forma "nós" contrasta com a tradição normativa. Segundo Lopes (1998, p. 2, itálicos do autor), essa tradição ainda apresenta "incoerências quanto à classificação e inserção da forma a gente no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome *nós* como mero plural de '*eu*', sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um 'eu-ampliado'". Além disso, as gramáticas normativas não contemplam os padrões de concordância não canônicos, como se observa, por exemplo, em Cunha e Cintra (2017).

A gramática descritiva *Gramática do português culto falado no Brasil*, de abordagem funcionalista, surge em contrapartida à tendência prescritiva e apresenta estruturas da língua em uso, a partir do *corpus* do Projeto NURC. Neves (2008), autora do capítulo sobre pronomes, considera as formas "você(s)" e "a gente" como criações vernáculas e ao apresentar os pronomes pessoais de primeira pessoa usados pelos falantes do NURC, menciona "eu", "nós", "a gente".

Apesar da resistência que a forma "a gente" enfrenta, principalmente por parte da escola, que preza por ensinar a forma conservadora "nós", priorizada nos gêneros textuais escritos, estudos sociolinguísticos têm demonstrado que há um favorecimento por parte de pessoas jovens e do gênero feminino pelo uso de "a gente" (Freitag, 2016; Zilles, 2005; entre outros). Além disso, o fator escolaridade também parece interagir com essa variação, pois os falantes mais escolarizados preferem o uso da variante inovadora. Esse conjunto de fatores evidencia que "a gente" tende a ocorrer com maior frequência em contextos de informalidade, proximidade interacional e menor monitoramento linguístico, enquanto "nós" se mantém mais associado a contextos formais, à escrita e a situações que demandam maior controle normativo.

Vitório (2016), ao pesquisar a variação desses pronomes em dados de produção da fala culta da cidade de Maceió, a partir de entrevistas com 24 falantes com ensino superior completo, evidenciou a relevância da variável faixa etária para a preferência de uso da forma inovadora "a gente" (80%) em contraste a "nós" (20%). Entre os falantes da primeira (15-29 anos) e segunda faixa etária (30-44 anos), a produtividade de "a gente" foi bastante próxima (99% e 90%). Já entre os falantes da terceira faixa etária (acima de 44 anos), houve um percentual menor de realização (64%). O que indica um uso quase categórico da variante inovadora na fala culta maceioense entre os mais jovens.

Em Palmeira dos Índios, no Agreste alagoano, Oliveira e Nascimento (2017) consideraram dois níveis de escolarização (Ensino Fundamental e Ensino Superior), e notaram que todos os falantes preferiram a realização do pronome "a gente", porém, os falantes mais escolarizados, com Ensino Superior, produziram ainda mais "a gente" (84%), diante daqueles com Ensino Fundamental (71%). Esses dados sugerem que, embora a variante inovadora seja amplamente utilizada em ambos os grupos, seu uso é ainda mais recorrente entre aqueles com maior nível de escolarização.

Na zona rural de Pariconha, no Sertão alagoano, Silva (2022), ao analisar três níveis de escolarização (Ensino Fundamental, Médio e Superior), também observou que à medida que aumenta o nível de escolarização maior é a preferência pela variante "a gente". Além disso, a autora levou em consideração a variável faixa etária (18 a 29 anos, 30 a 44 anos e mais de 44 anos) e demonstrou que o uso da variante inovadora diminui conforme aumenta a idade dos falantes.

Feitosa e Vitório (2018), na comunidade do Alto Sertão alagoano, apontam que não só "a gente" é a variante preferida, favorecida por falantes mais escolarizados, como também que, em contextos de relação simétrica de CV[6], tanto "nós" quanto "a gente" são bem aceitas na comunidade, porém, com uma avaliação mais positiva para a variante "nós".

Vitório (2017) tentou aferir a avaliação das variantes em estudo, entre falantes maceioenses com Ensino Superior (em curso ou completo), na faixa etária entre 18 e 38 anos. De acordo com os resultados obtidos, as avaliações dos informantes sobre a CV e as duas formas pronominais coadunam com seu comportamento linguístico, pois "nós" + 1PP e "a gente" + 3PS são as variantes preferidas. Os dados também mostram que tanto a variação na concordância com "nós" + 3PS quanto "a gente" + 1PP apresentam alta saliência, sendo as formas às quais os informantes atribuem maior valoração negativa. Apesar disso, o uso de "nós" + 3PS parece ser mais aceitável que o uso de "a gente" + 1PP.

No que diz respeito às avaliações acerca de "nós" e "a gente" na posição de sujeito, esses informantes acreditam usar mais o pronome "nós" (54%), além de o avaliarem como mais adequado e mais alinhado à norma padrão (62%). Em contrapartida, tendem a restringir o uso de "a gente" a situações mais informais, apesar de essa forma ser a mais utilizada, coadunando com os resultados obtidos por Freitag (2016), com estudantes de Aracaju.

O fato de diversos falantes em diferentes estudos considerarem ambas as variantes como legítimas e usuais sugere que a relação entre esses pronomes não pode ser reduzida a uma oposição dicotômica entre prestígio e estigma, mas deve ser compreendida dentro de um sistema de valores normativos, no qual ambas as formas são socialmente avaliadas de maneira predominantemente positiva, ainda que apresentem distinções contextuais e pragmáticas mais específicas: "nós" tende a indexar maior formalidade, monitoramento e referência mais delimitada do grupo, enquanto "a gente" se associa a contextos de maior informalidade, inclusão ampliada e indeterminação referencial, funcionando também como estratégia de atenuação enunciativa e aproximação discursiva entre os interlocutores.

Assim, dado que a produção linguística nem sempre corresponde às avaliações que os falantes fazem das formas pronominais (Freitag *et al*., 2015; Freitag, 2016; Freitag *et al*., 2016; Oushiro, 2021), este estudo busca aprofundar a compreensão sobre os significados sociais atribuídos à variação pronominal no Agreste alagoano, bem como investigar associações feitas a essas formas pelos informantes da pesquisa.

[6] Em Feitosa e Vitório (2018), considera-se "nós" + 1PP e "a gente" + 3P como realização simétrica de CV e "nós" + 3PS e "a gente" + 1PP como assimétrica.

4 Metodologia

Esta pesquisa fundamenta-se nos princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Campbell-Kibler, 2011; Lambert *et al*., 1960). O *corpus* deste trabalho pertence ao GEVAL – AL (Grupo de estudo da variação linguística em Alagoas) e foi constituído através do preenchimento de um formulário eletrônico na plataforma *Google Forms*, no período de junho a dezembro de 2021[7].

O formulário foi disponibilizado aos estudantes do *Campus* III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e respondido por um total de 200 pessoas. Observou-se um perfil predominante entre os informantes, com a maioria sendo do gênero feminino (66%), jovens[8] (70%) e de cidades de pequeno e pequeno-médio porte[9] do Agreste alagoano (99%).

As primeiras perguntas do formulário foram referentes ao perfil socioeconômico dos estudantes, curso[10], cidade, gênero, identidade étnica e hábitos. Além disso, foram apresentadas questões voltadas à avaliação das formas linguísticas "nós" e "a gente". Já as últimas questões do formulário foram respondidas após a aplicação do método *matched-guise* de estímulos pareados (Lambert *et al*., 1960).

Este método consiste na apresentação de diferentes realizações linguísticas de um mesmo enunciado (no caso, com a alternância dos pronomes "nós" e "a gente"), produzidas por um mesmo falante (um estudante universitário de 23 anos de idade), com o objetivo de isolar os efeitos de avaliação associados exclusivamente às variantes em análise. Dessa forma, os participantes avaliam o falante em cada estímulo por meio de escalas de diferencial semântico (por exemplo, certo, errado, feio, bonito, etc.), o que permite captar avaliações do ouvinte em relação às variantes, sem viés explícito quanto à identidade do falante.

5 Análise dos resultados

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados referentes às avaliações de universitários do Agreste alagoano sobre as formas "nós" e "a gente", com o intuito de identificar significados sociais atribuídos a cada variante. Além disso, a análise do perfil socioeconômico dos participantes, conforme ilustrado no Gráfico 1, retrata a classe social predominante entre os informantes que compõem o corpus desta pesquisa.

---

[7] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética com o CAAE: 57933822.8.0000.5013.

[8] Neste estudo, classificam-se como 'jovens' os estudantes de 16 a 25 anos de idade.

[9] Seguindo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (doravante IBGE), aqueles municípios com menos de 50 mil habitantes são classificados, nesta pesquisa, como municípios de pequeno porte. Os municípios com população entre 50 e 100 mil habitantes, por sua vez, são classificados como municípios de pequeno-médio porte.

[10] Segundo Roncarati (2008), estudantes dos cursos de Letras tendem a avaliar menos negativamente formas não tidas como padrão. Por esse motivo, estudantes desses cursos não foram incluídos nesta pesquisa, na intenção de obter melhor resultado advindo do senso comum dos informantes.

Gráfico 1 – Renda familiar dos informantes



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que a média socioeconômica dos informantes da pesquisa é proveniente de camadas sociais financeiramente desprivilegiadas, cerca de 10% dos alunos do *Campus* III da Uneal informaram possuir uma renda familiar igual ou superior a quatro salários-mínimos. Essa realidade dos estudantes universitários não se distancia da média econômica geral do estado[11].

Esses dados demonstram que, diferentemente do período e do contexto analisado por Castilho (1994), nos quais os estudantes universitários das grandes capitais eram considerados simultaneamente representantes da norma culta e de uma elite econômica no âmbito do projeto NURC, a Universidade atualmente abarca segmentos sociais mais amplos, para além dessa elite tradicional.

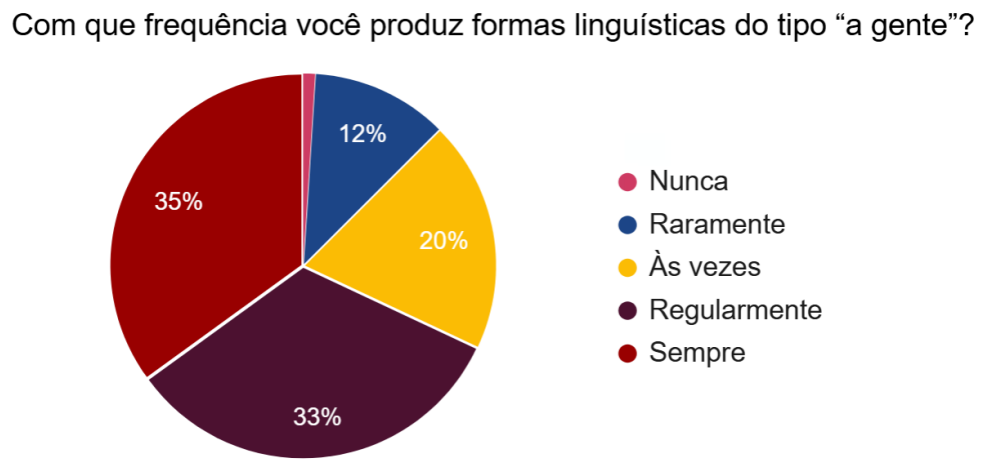
Essa mudança ocorreu, principalmente, graças às políticas públicas de acesso ao ensino superior implementadas nas últimas duas décadas, que proporcionaram maior democratização do Ensino Superior. Apesar dessa mudança no perfil socioeconômico dos estudantes universitários, a Universidade ainda é uma fonte de disseminação de valores elitizados que regem a norma culta.

Em suma, acredita-se que as avaliações feitas em relação às variantes "nós" e "a gente" são influenciadas pelo perfil geral do informante da pesquisa, caracterizado como indivíduo predominantemente jovem, pertencente à classe social média-baixa, estudante de uma Universidade pública, do gênero feminino e residente em município de pequeno-médio porte.

Com o objetivo de investigar a consciência de produção da variante "a gente", os informantes da pesquisa foram questionados sobre a própria frequência de uso dessa forma linguística, conforme o Gráfico 2, como também sobre a produção de "nós" e "a gente" na região onde vivem (Gráfico 3).

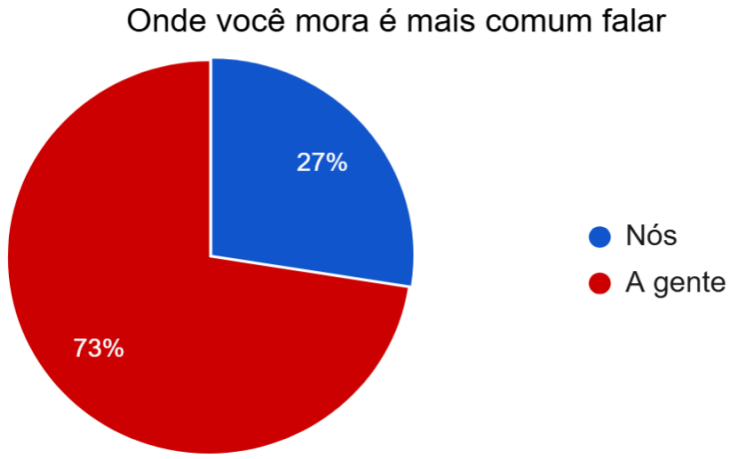
[11] Dados econômicos obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), pesquisa do IBGE, mostram que a renda mensal média por domicílio em Alagoas no ano de 2021, mesmo ano da coleta de dados desta pesquisa, foi de R$1.396,00 (Portal G1, 2022), sendo a renda domiciliar *per capita* de R$777,00 (IBGE, 2022).

Gráfico 2 – Frequência atribuída pelos informantes ao uso da forma pronominal “a gente”



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 – Frequência atribuída pelos informantes ao uso local de “nós/a gente”

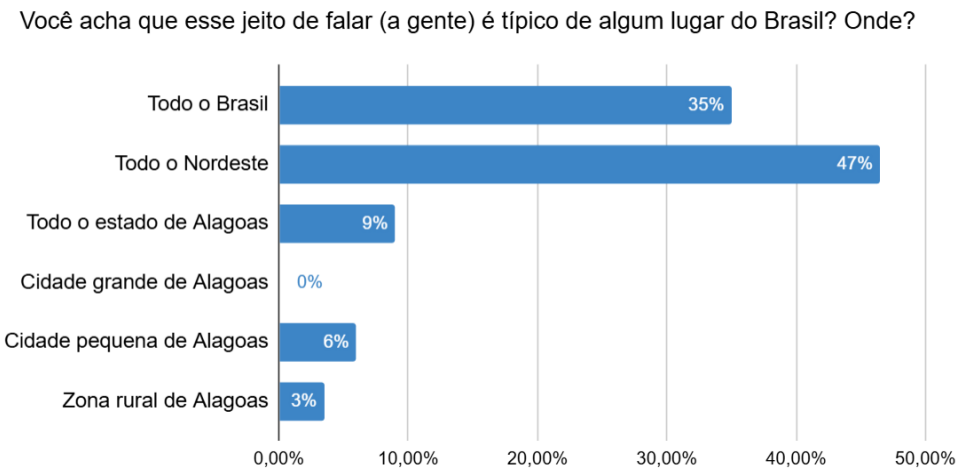


Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os Gráficos 2 e 3, a maioria dos informantes percebeu a forma “a gente” como mais produtiva em seu próprio uso, indicando que a utiliza sempre ou regularmente (68%), além de a avaliarem como a variante mais frequente no contexto em que vivem (73%). Essa frequência atribuída pelos informantes se aproxima dos resultados de Oliveira e Nascimento (2017), em Palmeira dos Índios, em dados de produção que indicaram a predominância no uso da forma “a gente” por falantes com ensino superior (84%). A partir dessas impressões dos informantes, torna-se plausível acreditar que haja certa consciência linguística dentro desse grupo de universitários acerca da alternância pronominal de “nós” e “a gente”.

No Gráfico 4, os dados demonstram que a grande maioria dos informantes (82%) não associaram a variante “a gente” a Alagoas, apesar de viverem em cidades pequenas do Agreste alagoano. Esses dados convergem com vários estudos de produção que confirmam que a forma pronominal “a gente” está presente em todas as regiões do país (Lopes, 1998; Lopes, 2003; Mattos, 2017; Menuzzi, 2000; Omena, 1996; Rodrigues, Migueli, 2019; Zilles, 2005), não sendo uma variação restrita a Alagoas.

Gráfico 4 – Associação diatópica atribuída pelos informantes à variante “a gente”

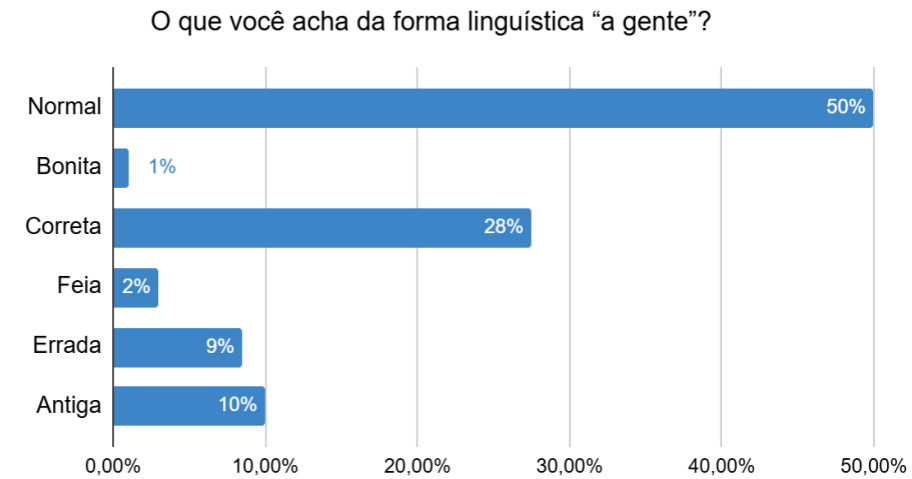


Fonte: Elaboração própria.

A obtenção de resultados semelhantes aos verificados em estudos de produção realizados em outras regiões do país permite inferir que os informantes demonstram, em alguma medida, consciência da existência e da circulação da variante “a gente” em âmbito nacional. Isso sugere que tal forma é associada a uma norma de abrangência mais ampla, que extrapola os limites geográficos locais. Desse modo, evidencia-se que a relação entre as formas “nós” e “a gente” não se configura como uma oposição binária, mas como variantes que circulam em diferentes esferas de uso e que podem assumir significados sociais relativamente independentes (cf. Campbell-Kibler, 2011), a depender dos contextos sociocomunicativos em que são mobilizadas.

Ao avaliarem a forma “a gente”, como se observa no Gráfico 5, a maior parte dos informantes atribuiu valores positivos à variante, destacando-se as categorias “normal” (50%) e “correta” (28%), que, somadas, totalizam 78% das respostas. A baixa incidência de avaliações explicitamente negativas (“errada” (9%), “feia” (2%) e “antiga” (10%)) indica que a forma não é amplamente estigmatizada na comunidade investigada, mas ainda sugere, de maneira implícita, que a forma “nós” é tida como mais normativa.

Gráfico 5 – Avaliação da variante “a gente”

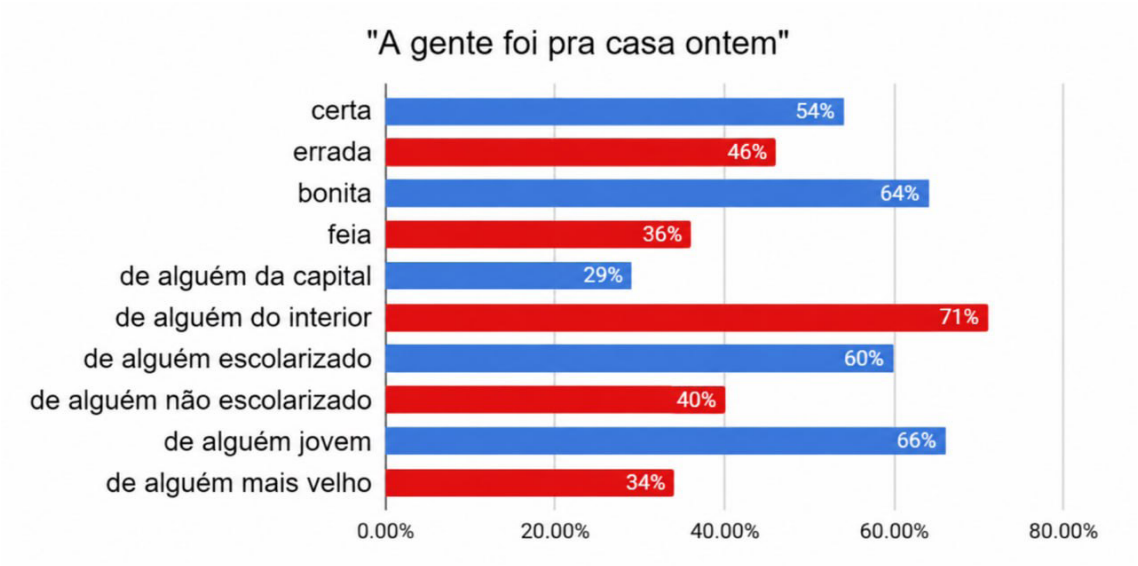


Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, os resultados apontam para uma aceitação consolidada da forma "a gente" no plano do uso, ainda que coexistam através de uma hierarquização normativa, em que a forma "nós" tende a ser associada ao modelo de maior prestígio, possivelmente em função de sua maior presença em práticas escolares e em gêneros mais monitorados.

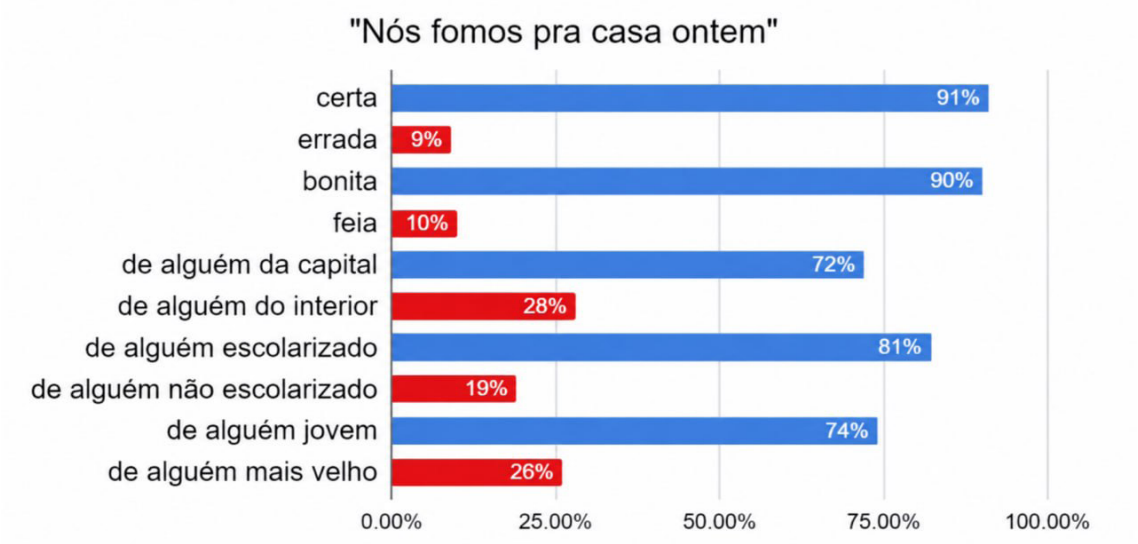
Os Gráficos 6 e 7 apresentam os resultados do teste de estímulos pareados, no qual os informantes ouviram as frases "A gente foi para casa ontem" e "Nós fomos para casa ontem" e, em seguida, responderam a questionários de características discretas. De modo geral, a variante "nós" recebeu uma avaliação mais positiva (certa e bonita, por exemplo) em comparação à variante "a gente", que por sua vez não foi avaliada de forma homogênea e unidirecional, mas marcada por uma distribuição ambivalente de traços positivos e negativos.

Gráfico 6 – Avaliação da variante "a gente" a partir de estímulo auditivo



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 7 – Avaliação da variante "nós" a partir de estímulo auditivo



Fonte: Elaboração própria.

Por um lado, observa-se a atribuição de valores negativos à forma inovadora, como "errada" (46%) e "feia" (36%), além de sua associação a perfis sociais menos prestigiados, como "de alguém do interior" (71%) e "de alguém não escolarizado" (40%). Por outro lado, a variante "a gente" também apresenta índices relevantes de avaliação positiva, sendo considerada "certa" (54%) e "bonita" (64%) por parcela expressiva dos informantes, além de ser associada a perfis socialmente valorizados, como "de alguém jovem" (66%).

Esse quadro aponta para uma configuração avaliativa não dicotômica, na qual "nós" e "a gente" não se distribuem em polos opostos de "norma" versus "não norma", mas integram um contínuo gradativo de normatividade, no qual diferentes variantes são mobilizadas de acordo com expectativas sociocomunicativas específicas. Nesse contínuo, "nós" parece ocupar uma posição de maior associação à norma padrão, enquanto "a gente" embora também seja associada à norma, é uma associação menor se comparada ao "nós". Assim, em vez de indicar ausência de avaliações negativas na avaliação de "a gente", os dados sugerem a coexistência de avaliações coocorrentes, que refletem diferentes ordens de indicialidade que, por sua vez, regulam os princípios de adequação ao uso.

Isso pode estar ligado ao fato de os pronomes, "nós" e "a gente", serem avaliados de formas diferentes pelo ambiente educacional, que opta por ensinar que a forma conservadora é mais formal e adequada a gêneros textuais escritos, enquanto a forma inovadora é retida à oralidade.

Apesar dessa pressão prescritivista, a pesquisa de Vitório (2016) sobre a variação entre "nós" e "a gente" em dados de produção da fala culta de Maceió – AL evidenciou a relevância do nível de escolarização na preferência pelo uso da forma inovadora "a gente", indicando que falantes com maior escolarização tendem a favorecer essa variante. Da mesma forma, Oliveira e Nascimento (2017) demonstraram, em Palmeira dos Índios, a preferência dos falantes mais escolarizados por essa forma e defendem que:

> [...] é possível que a substituição pronominal de "a gente" seja motivada pela concordância verbal, uma vez que, embora carregue uma carga semântica plural, a forma pronominal "a gente" preserve a conjugação verbal da 3PS, simplificando as realizações verbais no português do Brasil, ao dispensar a desinência de número-pessoa do verbo (Oliveira; Nascimento, 2017, p. 17).

Vale mencionar que o apagamento das marcas expressas de concordância verbal junto à forma "a gente" (a gente vai → Ø) é amplamente aceito, ao passo que a realização não canônica com a forma "nós" (nós vai → Ø) é geralmente associada à baixa escolaridade, às classes sociais mais baixas, sendo, portanto, mais suscetível à estigmatização, em razão de sua maior saliência (cf. Oushiro, 2015).

Coelho (2006), ao investigar a variação entre "nós" e "a gente" e CV (Nós V-0 vs. Nós V-mos), em uma comunidade periférica da cidade de São Paulo, ressaltou que o uso da marca explícita de número (-mos) com o pronome "nós" é uma estratégia de assimilação dos migrantes rurais (falantes mais velhos), de diversos estados do Brasil, à nova realidade urbana. Contudo, o autor também defende que a aprendizagem de novos significados sociais não se baseia apenas na norma culta. Uma comprovação disso foi o favorecimento do emprego do apagamento das marcas expressas de CV pelos falantes mais jovens e escolarizados[12] da amostra.

[12] Em Coelho (2006), os falantes jovens do bairro periférico investigado foram divididos em dois grupos, quais sejam: (i) "mano" do gol a gol, aquele mais marginalizado e associado a identidade periférica paulista; e (ii) filhos dos membros da associação do bairro, que apresentam uma pretensão de ascensão social e maior aceitação.

Em relação às diferentes identidades sociais desses jovens, segundo Coelho (2006, p. 133), a expectativa de ascensão social dos filhos dos membros da associação do bairro "correlaciona-se mais à substituição de nóis por a gente do que à adoção da variante –mos". Isso indica que, por pressão de uma força normativa, os falantes realizaram a substituição de "nós" por "a gente" em busca do padrão de concordância mais simples e que ao mesmo tempo seja bem avaliado socialmente.

Nesse cenário, os dados apresentados por Oliveira e Souza (2020), referentes ao fenômeno da concordância verbal (CV) no estado de Alagoas, em particular na cidade de Maceió, evidenciam que a taxa de omissão das marcas verbais explícitas entre os falantes com mais de 11 anos de escolarização atinge aproximadamente 16%. Esse comportamento linguístico apresenta correlação com a expansão do uso da forma pronominal "a gente" na região e sinaliza um possível deslocamento nas normas de concordância verbal, condicionado por variáveis socioculturais e educacionais.

Nos Gráficos 6 e 7, observa-se que a associação etária atribuída pelos informantes às formas pronominais "a gente" e "nós" apresentou valores relativamente próximos, sendo ambas predominantemente vinculadas à figura de um falante jovem (66% e 74%, respectivamente). Esses dados sugerem que as duas variantes são positivamente valoradas no interior da comunidade investigada. Tal tendência interpretativa pode ter sido influenciada por aspectos prosódicos presentes no estímulo auditivo, o qual foi produzido por um locutor universitário de 23 anos, potencialmente condicionando a avaliação dos participantes.

De modo geral, os dados obtidos nesta pesquisa apontam para um processo de normatização da forma pronominal "a gente". A coexistência das variantes pronominais analisadas sugere que não se trata, necessariamente, de uma oposição entre uma forma socialmente positiva e outra negativa, mas sim de entidades linguísticas que operam de modo relativamente autônomo no plano social. Campbell-Kibler (2011) já havia apontado que variantes podem não manter, obrigatoriamente, uma relação binária de oposição, mas apresentar funcionamentos próprios e diferenciados em termos de indiciação social. Essa perspectiva é corroborada pelos resultados desta pesquisa, nos quais tanto a forma "a gente" quanto a forma "nós" receberam, de modo geral, avaliações positivas por parte dos participantes, o que evidencia sua legitimidade sociolinguística no grupo investigado.

6 Considerações finais

Com base na análise dos resultados encontrados, é plausível declarar que mesmo que uma avaliação mais positiva recaia sobre a forma "nós", a variante "a gente" encontra-se com indícios ascendentes de normatização, apesar da pressão prescritivista escolar pela forma conservadora.

Ao modo que é atribuída uma avaliação também positiva à forma "a gente", demonstra-se a coexistência de significados sociais positivos entre variantes. Isso sugere que as variantes "a gente" e "nós" não estão em uma relação de oposição entre o certo e o errado, mas coexistem como formas socialmente significativas, com sentidos distintos e contextualmente motivados. Tal como propõe Campbell-Kibler (2011), essa coexistência de significados sociais positivos aponta para uma gradação entre normas, não apenas baseada em critérios estritamente normativos.

Esta pesquisa também apontou que os informantes apresentaram alta consciência da produção de "a gente", em comparação com a forma "nós", o que é compatível com os achados de Freitag (2016), Oliveira e Nascimento (2017), Silva (2022) e Vitório (2016), em dados de produção, ao indicarem a predominância no uso da forma "a gente" por falantes jovens e de alta escolaridade.

Os dados indicam que a forma "a gente" é amplamente reconhecida e declarada como frequente pelos informantes, sendo sua produção percebida como mais frequente do que a de "nós". Ademais, ao serem questionados sobre os contextos de uso, os participantes, de modo geral, associaram "a gente" a um emprego amplo e supralocal, não restrito ao Agreste alagoano.

Por outro lado, a forma "nós" foi avaliada de maneira mais positiva — frequentemente classificada como "correta" e "bonita" —, além de ser associada a falantes da capital, com maior nível de escolarização e pertencentes a faixas etárias mais jovens. Tal distribuição sugere uma indicialidade dessa variante a valores de urbanidade, prestígio social e adesão à norma culta.

Em contraste, "a gente" foi mais frequentemente associada a falantes do interior, embora também tenha sido, em sua maioria, considerada "correta" e "bonita". Assim, os resultados apontam que, embora "a gente" seja percebida como uma forma amplamente disseminada e de uso corrente, a variante "nós" permanece fortemente vinculada a um ideal de correção e prestígio, associado à escolarização e aos centros urbanos.

Considerando os dados analisados, as particularidades do teste e o perfil geral dos informantes da pesquisa, não é possível apresentar todos os aspectos avaliativos das duas variantes em estudo em Alagoas. Por essa razão, este artigo, propõe algumas questões direcionadoras para pesquisas futuras, quais sejam: quais são as avaliações feitas sobre "nós" e "a gente" por pessoas de baixa escolaridade no Agreste alagoano? Como diferentes contextos de formalidade e níveis de determinação interferem na avaliação de "nós" e "a gente"? A variação "nós" e "a gente" é avaliada dentro de um *continuum* rural-urbano? Que significados sociais são indiciados na alternância pronominal entre "nós" e "a gente", em Alagoas ou no Nordeste?

Conclui-se, então, que é fundamental que novos estudos considerem as variantes "nós" e "a gente" como duas formas normativas possíveis e gradativas, a fim de investigar fatores que envolvam os potenciais significados sociais e associações ideológicas das formas linguísticas, para uma compreensão mais abrangente e precisa das dinâmicas sociais que envolvem esse processo variacional.

Declaração de autoria

Este artigo foi desenvolvido em coautoria entre Mariana Barbosa da Silva e Almir Almeida de Oliveira. Mariana Barbosa da Silva é a autora principal, responsável pelo levantamento e revisão da bibliografia, redação do manuscrito e revisão final do texto. Almir Almeida de Oliveira contribuiu com a orientação teórica e metodológica da pesquisa, participou da redação do manuscrito e realizou a revisão crítica do conteúdo. Ambos os autores aprovaram a versão final do artigo e concordam com sua submissão.

Referências

CAMPBELL-KIBLER, K. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 22, n. 3, p. 423-441, 2011. DOI: 10.1017/S0954394510000177. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/sociolinguistic-variant-as-a-carrier-of-social-meaning/C0B7ACEA70E15EEC65BB6399D34ED8D2. Acesso em: 16 nov. 2024.

CASTILHO, A. Problemas de descrição de língua falada. *DELTA*: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 47-71, 1994. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45468. Acesso em: 28 fev. 2025.

COELHO, R. *É nóis na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo. 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, J. *et al*. Concordância verbal com a gente: um problema para a teoria da verificação de traços. *In*: XVI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 16., 2000, Coimbra. *Actas* [...]. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2000. v. 1, p. 1-16.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

ECKERT, P. *Linguistic Variation As Social Practice*: The Linguistic Construction of Social Meaning in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Variation. *Annual Review of Anthropology*, Stanford, v. 41, p. 87-100, 2012. DOI: 10.1146/annurev-anthro-092611-145828. Disponível em: https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

ECKERT, P. Variation and the Indexical Field. *Journal of Sociolinguistics*, Stanford, v. 10, n. 4, p. 453-476, 2008. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x. Acesso em: 2 out. 2014.

FEITOSA, J.; VITÓRIO, E. Variação nós/a gente no sertão alagoano: restrição e avaliação. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 199-211, 2018. DOI: 10.13102/cl.v19i2.3493. Disponível em: https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3493. Acesso em: 4 out. 2024.

FREITAG, R. *et al*. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do "português brasileiro". *Signo y Seña*, Buenos Aires, n. 28, p. 65-87, 2015. DOI: 10.34096/sys.n28.3174. Disponível em: http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3174. Acesso em: 4 out. 2024.

FREITAG, R. *et al*. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: 10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9166. Acesso em: 19 jan. 2025.

FREITAG, R. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA*, São Paulo, v. 32, p. 889-917, 2016. DOI: 10.1590/0102-44506992907750337. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225. Acesso em: 11 nov. 2024.

IBGE. *Cidades e Estados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al.html. Acesso em: 4 mar. 2025.

LAMBERT, W. E. *et al*. Evaluational Reactions to Spoken Language. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Washington, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960. DOI: 10.1037/h0044430. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/1960-07642-001. Acesso em: 2 out. 2024.

LOPES, C. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main: Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v. 18.

LOPES, C. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300/29330. Acesso em: 11 nov. 2024.

LUCCHESI, D. A representação da primeira pessoa do plural. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Ed. da UFBA, 2009. p. 457-471.

MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 12, n. 2, p. 125-149, 2013. DOI: 10.5334/jpl.70. Disponível em: https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5622/. Acesso em: 11 nov. 2024.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*: Alagoas e Pernambuco. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MATTOS, S. A primeira pessoa do plural na fala de Goiás. *Revista (Con)textos Linguísticos*, Vitória, v. 11, n. 19, p. 145-166, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/16935. Acesso em: 19 jan. 2025.

MENUZZI, S. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: cChains and cConstraint Interaction in Binding. *In*: COSTA, J. (org.). *Portuguese Syntax:* New Comparative Studies. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 191-240.

MOURA, M. O caráter variável da regra de concordância verbal no português do Brasil. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 21, n. 1/2, p. 78-84, 1999. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16621. Acesso em: 11 nov. 2024.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 437-454, 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45496. Acesso em: 11 nov. 2024.

NEVES, M. Os pronomes. *In*: ILARI, R.; NEVES, M (org.); CASTILHO, A. (coord.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2008. v. 2. p. 507-622.

OLIVEIRA, A.; NASCIMENTO, R. Alternância pronominal entre "nós" e "a gente" em Palmeira dos Índios *In*: *Linguagens, usos e ensino*. Maceió: Eduneal, 2017.

OLIVEIRA, A.; SOUZA, D. Concordância verbal no português brasileiro em Maceió/AL, Brasil. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, v. 5, n. 4, p. 3180-3195, 2020. DOI: 10.17648/diversitas-journal-v5i4-1377. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1377. Acesso em: 17 out. 2024.

OMENA, N. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In:* SILVA, G.; SCHERRE, M. (org.) *Padrões sociolingüísticos* – análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-215.

OUSHIRO, L. A Computational Approach for Modeling the Indexical Field. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019. DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1737-1786. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27651. Acesso em: 17 out. 2024.

OUSHIRO, L. A importância de estudos de avaliação e percepções sociolinguísticas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 1, n. 40, p. 9-20, 2021. DOI: 10.36517/revletras.40.1.1. Disponível em: https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/71443. Acesso em: 17 out. 2024.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade*: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RENDA média da população de Alagoas encolhe 9,5%, diz IBGE. *Portal G1*, 10 jun. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/06/10/renda-media-da-populacao-de-alagoas-encolhe-95percent-diz-ibge.ghtml. Acesso em: 4 mar. 2025.

RODRIGUES, J.; MIGUELI. R. A alternância pronominal na primeira pessoa do plural /nós/ e /a gente/ na função de sujeito. *In*: GOMES, A. M. (org.). *Notas sobre literatura, leitura e linguagens*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 1-7. DOI: 10.22533/at.ed.6981925011. Disponível em: https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/a-alternancia-pronominal-na-primeira-pessoa-do-plural-nos-e-a-gente-na-funcao-de-sujeito. Acesso em: 19 jan. 2025.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 1, n. 36, p. 45-56, 2008.

SCHERRE, M. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)*, v. 12, p. 37-49, 1994. Disponível em: http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, L. *A variação pronominal de primeira pessoa do plural na zona rural de Pariconha/AL*. 2022. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

SOUZA, M.; VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas. *Letras em Revista*, Teresina, v. 12, n. 1, p. 121-138, 2021. Disponível em: https://letrasemrevista.uespi.br/index.php/inicio/issue/view/24. Acesso em: 4 out. 2024.

TAMANINE, A. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TESCH, L.; MENDES, R.; MACHADO, F. Avaliação, percepção, crenças e atitudes. [Apresentação]: uma revisão terminológica informal. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 6-14, 2022. DOI: 10.47456/cl.v16i34. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/1482. Acesso em: 27 fev. 2025.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes 'nós' e 'a gente' na cidade de Maceió/AL. *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 24, n. 40, p. 67-91, 2017. DOI: 10.12957/matraga.2017.26878. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/26878. Acesso em: 4 out. 2024.

VITÓRIO, E. Variação nós e a gente na fala culta da cidade de Maceió/AL. *Interdisciplinar* – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, v. 24, p. 159-172, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/5408. Acesso em: 4 out. 2024.

ZILLES, A. M. S. The Development of a New Pronoun: The Linguistic and Social Eembedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 1, n. 17, p. 19-53, 2005. DOI: 10.1017/S0954394505050027. Disponível: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/development-of-a-new-pronoun-the-linguistic-and-social-embedding-of-a-gente-in-brazilian-portuguese/C26C2BB7FFA0AA50CA1F655A2F48C744. Acesso em: 4 out. 2024.